

## O CASO “FIOFÓGATE” E AS ARTIMANHAS DISCURSIVAS: AS REDES SOCIAIS DIGITAIS COMO ARENAS CONTEMPORÂNEAS DE DISPUTA PELO DIREITO DE SIGNIFICAR

Ana Lucia Silva Enne<sup>1</sup>  
Giulia de Jesus Brito<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo, enfocamos um caso de escândalo político ocorrido em 2020, quando o vice-líder do Governo Federal, o senador Francisco Rodrigues (DEM), foi surpreendido, em uma busca realizada pela Polícia Federal em sua residência, com uma quantia de dinheiro escondido em suas partes íntimas (cuecas e entre as nádegas). Nos dias que se seguiram ao acontecido, as redes sociais da Internet, em especial o Twitter, sediaram uma série de postagens com comentários debochados sobre o caso, a começar pela denominação “Fiofógate” e pela hashtag #PropinaNaBunda, em que piadas de duplo sentido, trocadilhos, uso de palavrões, inversões e outras artimanhas discursivas foram utilizadas para ridicularizar os personagens envolvidos direta ou indiretamente no evento. Buscamos refletir sobre o papel das malandragens discursivas na construção de resistências e contra-hegemonias e sobre a materialização das redes sociais digitais como arenas contemporâneas privilegiadas para as disputas políticas e culturais.

**Palavras-chave:** artimanhas discursivas, redes sociais, disputas culturais.

### 1 – Apresentação

Em 15 de outubro de 2020, explodiu nos noticiários brasileiros um escândalo político que abalou a narrativa anticorrupção que o Governo Federal vinha construindo a respeito de sua atuação.<sup>3</sup> O caso em questão envolvia não um político qualquer, mas o vice-líder do governo Jair Bolsonaro no Senado.<sup>4</sup> O assunto repercutiu até mesmo na comunidade internacional, que acompanhou o caso com perplexidade.<sup>5</sup> Por volta das 6 horas da manhã, no dia 15 de outubro, Francisco de Assis Rodrigues, o senador Chico Rodrigues, do partido Democratas de Roraima, foi flagrado com cerca de R\$30 mil escondidos em sua casa e em suas roupas e partes íntimas. A operação da Polícia

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Estudos Culturais e Mídia e da Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades/PPCULT da Universidade Federal Fluminense/UFF. E-mail: [anaenne@gmail.com](mailto:anaenne@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduanda em Estudos de Mídia pela Universidade Federal Fluminense/UFF. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq/UFF na pesquisa “Práticas culturais da linguagem: artimanhas discursivas na construção da distinção identitária no falar popular”. E-mail: [jesusgiulia@id.uff.br](mailto:jesusgiulia@id.uff.br).

<sup>3</sup> “Bolsonaro diz que 'acabou' com operação Lava Jato porque governo 'não tem mais corrupção’”. *O Globo*, 7/10/2020. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/10/07/bolsonaro-diz-que-acabou-com-a-operacao-lava-jato-porque-governo-nao-tem-mais-corrupcao.ghtml>. Todos os links de reportagens citados nesse artigo foram consultados em abril de 2021.

<sup>4</sup> “Laudo da PF mostra dinheiro apreendido na cueca do senador”. *O Globo*, 15/10/2020. <https://oglobo.globo.com/brasil/laudo-da-pf-mostra-dinheiro-apreendido-na-cueca-do-senador-veja-imagem-24694628>.

<sup>5</sup> “Dinheiro entre nádegas: jornais estrangeiros dizem que foi 'golpe na imagem de Bolsonaro’”. *BBC News/Brasil*, 16/10/20. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54573780>.

Federal, batizada de Desvid-19, investigava um possível desvio de recursos públicos destinados ao combate à pandemia do Coronavírus em Roraima, Estado do então vice-líder do governo (que logo após o escândalo deixou o cargo).<sup>6</sup>

Em sua investigação, a Polícia Federal foi até a residência do político e encontrou os valores de R\$10 mil e US\$6 mil no cofre da casa do senador, porém uma outra coisa ainda chamava a atenção do delegado Wedson Cajé, que conduzia a busca. Em meio à revista em sua casa, o senador haveria solicitado uma ida ao banheiro, quando, segundo o relatório da Polícia Federal, “o Delegado Wedson percebeu que havia um grande volume, em formato retangular, na parte traseira das vestes do Senador Chico Rodrigues. Ao ser perguntado sobre o que havia em suas vestes, o Senador Chico Rodrigues ficou bastante assustado”.<sup>7</sup> Imediatamente, com uma revista íntima feita por policiais, foram encontrados, escondidos próximos às nádegas do Senador, maços de dinheiro que, no total, chegavam a R\$15 mil. Seria esta a quantia final nos relatos da Polícia Federal se minutos antes da finalização do relatório de busca e apreensão as autoridades não descobrissem que o Senador ainda estava com mais dinheiro escondido em suas partes íntimas, incluindo várias notas de R\$ 200,00 recém lançadas pelo Governo Federal.<sup>8</sup> Segundo a PF:

Ao ser indagado pela terceira vez, com bastante raiva, o Senador CHICO RODRIGUES enfiou a mão em sua cueca, e sacou outros maços de dinheiro, que totalizaram a quantia de R\$ 17.900,00 [...] Desta forma, considerando que o Senador CHICO RODRIGUES, insistentemente, ocultava valores em suas vestes íntimas, esta equipe policial efetuou uma nova busca pessoal, oportunidade em que foram localizados, em sua cueca, a quantia de R\$ 250,00.<sup>9</sup>

A repercussão do caso tomou grandes proporções na internet, com o escândalo de corrupção gerando uma enxurrada de publicações nas redes sociais. Muitas pessoas

---

<sup>6</sup> “PF descreve com detalhes apreensão de R\$33 mil em cueca de senador”. Revista *Isto é*, 16/10/20. <https://istoe.com.br/pf-descreve-com-detalhes-apreensao-de-r-33-mil-em-cueca-de-senador/>; “Chico Rodrigues pede dispensa da função de vice-líder do governo no Senado”, *Senado Notícias*, 15/10/2020, <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/10/15/chico-rodrigues-pede-dispensa-da-funcao-de-vice-lider-do-governo-no-senado>.

<sup>7</sup> “Senador com dinheiro na cueca pediu para ir ao banheiro, mas delegado percebeu ‘grande volume’ na bermuda”. *O Globo*, 15/10/2020. <https://oglobo.globo.com/brasil/senador-com-dinheiro-na-cueca-pediu-para-ir-ao-banheiro-mas-delegado-percebeu-grande-volume-na-bermuda-24694303>.

<sup>8</sup> “Banco Central lança nota de R\$ 200, com imagem de lobo-guará”. *O Globo*, 02/09/2020. <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/09/02/banco-central-faz-cerimonia-de-lancamento-da-nota-de-r-200-com-imagem-de-um-lobo-guara.ghtml>.

<sup>9</sup> *Idem* nota 7.

zombavam do local inusitado onde o Senador decidiu esconder os maços de dinheiro para não ser flagrado durante a apreensão. Muitos internautas fizeram trocadilhos com a situação, envolvendo principalmente as palavras “fundo” e “poupança”, e utilizando hashtags debochadas, como #PropinaNaBunda, #dinheironabunda e #CUrrupção, dentre outras, que colocaram o acontecimento dentre os assuntos mais comentados do Twitter. O “fiofógate”, como foi batizado o caso pelo escritor e jornalista Xico Sá (como iremos detalhar e analisar mais adiante), portanto, gerou uma grande quantidade de postagens por parte dos usuários das redes sociais, que responderam com zombaria ao fato de um vice-líder do governo ter sido flagrado com dinheiro escondido em suas roupas e partes íntimas em uma operação da Polícia Federal. Seriam esses trocadilhos, o deboche, o duplo sentido, a zombaria, as malandragens linguísticas, em suma, todos esses truques da língua, formas de resistência que habitam na linguagem da cultura popular brasileira? A partir da repercussão popular no confronto do caso “Fiofógate”, buscaremos entender como funcionam as engrenagens das artimanhas do discurso e sua amplificação no âmbito das redes sociais digitais, fóruns em que se disputam os múltiplos sentidos sociais e que também são objetos de nossas reflexões.

## **2 – Artimanhas discursivas como potência criativa da cultura popular**

Desde 2011, quando apresentamos o artigo “*E daí?*”, “*pronto, falei!*”, “*confesso*”: *artimanhas discursivas de qualificação e desqualificação do gosto e da distinção* (ENNE, 21011), temos buscado pensar a questão do discurso popular nas disputas pelo direito de significar, de propor sentidos hegemônicos e contra-hegemônicos e de configurar novas perspectivas.

Assim, estamos partindo do princípio que encontramos em Mikhail Bakhtin de que todo discurso é ideológico (1981), pois, como nos lembra Paulo Freire (2005), não existe imparcialidade, todas as pessoas são orientadas por uma base ideológica, portanto, todo discurso é uma materialização significativa de visões de mundo, posições e interesses político-econômico-sociais, fazendo com que o campo da produção dos sentidos via simbolização da realidade, aquilo que chamamos de cultura (HALL, 1997), seja muito mais do que um acervo descritivo de modos de vida, mas, principalmente, uma arena permanente de disputas pelo direito de significar, como define Bakhtin:

“assim, classes sociais diferentes servem-se de uma só e mesma língua. Consequentemente, em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes”. (BAKHTIN 1981 *apud* HALL, 2003:231)

Entendemos, portanto, que a língua e suas múltiplas possibilidades de deslizamentos de sentido operam como um lugar central para as lutas sociais, tanto de classe quanto interseccionais, levando em consideração recortes de gênero, raça, geração, dentre outras variáveis. E tais disputas não se dão, evidentemente, em condições isonômicas de enfrentamento. Os sujeitos participam das disputas de sentido dotados de tipos diferenciados de capital, no sentido proposto por Pierre Bourdieu (2007). São historicamente posicionados, seus lugares sociais e tipos de capital não estão dados e não são fixos, como estamos apontando, estão em disputa permanente, mas muitas vezes as estruturas sociais exercem uma força duradoura e injusta no que tange às possibilidades de autonomização dos sujeitos na luta por seus direitos.

Assim, sob condições estruturais muitas vezes pesadas e adversas, em que os campos de possibilidades estão limitados para a ação emancipadora em virtude do efeito encompassador das estruturas econômicas, políticas e sociais, é na cultura que se encontram as brechas para deslizar os sentidos, disputar as configurações da realidade, buscar autonomizar e empoderar os sujeitos para gerar efeitos na própria estrutura social. A cultura, então, é esta arena de consentimento e resistência, como bem definiu Stuart Hall (2003), em que os sujeitos oprimidos e subalternizados econômica e politicamente encontram espaços de apropriação, através de táticas, astúcias milenares, artimanhas discursivas e práticas desviantes (CERTEAU, 1998), para quebrar a hegemonia dos sentidos e, na sagacidade, na brecha, no golpe no tempo, no jogo de cintura, ir desafiando a autoridade, minando o poder instituído, deslegitimando a autoridade encompassadora, criando novos enredos e, dessa forma, reconfigurando a realidade social.

Também em 2011, apresentamos um artigo no VII ENECULT, *Gírias, hibridizações, negociações, negações: o discurso como objeto e lugar de disputas na arena da cultura* (ENNE e LACERDA, 2011), em que partimos da sagaz observação de Bezerra da Silva sobre o papel da gíria como lugar de resistência popular para

discutirmos algumas táticas de nomeação em torno das gírias e hibridizações da linguagem.

“A gíria é uma cultura negra (...) foram os escravos. Eles então quando iam traçando plano de fuga, né, quilombo... Eles aí falavam que nem gíria, que era pra eles não entenderem, entendeu? É justamente hoje o que os intelectuais fazem com a gente. Eles vão pra escola, aprendem (...), aí chegam, falam com você o dia todo, chamam você do que querem e você não entende nada (...). Então o que é que a gente faz? A gente também pode conversar com o doutor do mesmo jeito e ele ficar o dia todo sentado e não entender nada também. Aí é zero a zero.” (SILVA, Bezerra da *apud* ENNE e LACERDA, 2011:10).

Dessa forma, são muitas as táticas utilizadas nas disputas da linguagem: a gíria, a paródia, a inversão, o duplo sentido, a ambivalência, a blasfêmia, as grosserias, os insultos, os neologismos, dentre muitas outras, atuando como ferramentas poderosas de utilização da linguagem como desconstrução de um mundo dado e oficial e sugestão de novas possibilidades discursivas. Além de Bakhtin, destacamos, em nossos trabalhos, as propostas de Homi Bhabha (1998) para abordar o papel decisivo da linguagem na luta pelo direito à significação. A blasfêmia, como enfrentamento do sacralizado, da sagrada fala oficial, remete, muitas vezes, a uma

“linguagem corporal, do mundo das ruas, sob a égide da malandragem, fala não autorizada e temida, muitas vezes enquadrada, amaldiçoada, aprisionada, mas que irrompe com violência e despudor, se fazendo acontecer, quebrando regras e fronteiras, embaralhando, retomando para seu autor o poder do discurso, de conjurar o discurso e sua liberdade de construir e desconstruir mundos” (ENNE e LACERDA, 2011:3)

Dessa forma, acompanhando os autores referenciados, entendemos que em muitos momentos a linguagem popular pode ser blasfema, dessacralizadora, infame, violenta. Como nos lembra Michel de Certeau (1995), o discurso agressivo ou violento reintroduz o conflito onde a hegemonia busca constituir uma ilusão de homogeneidade, operando como “a forma de uma fratura, de um buraco, de uma blasfêmia” (CERTEAU, 1995: 94).

Em outro trabalho (ENNE, 2012), prosseguimos investigando as artimanhas discursivas em torno das disputas pelo direito de significar e impor sentido, observando as redes sociais como fórum, em especial no Orkut, nosso objeto naquele momento, para o uso dos termos “orkutização” e “favelização” como artimanhas discursivas de construção de estigmas e legitimidades.

As redes sociais, bem como os demais espaços virtuais, oferecem um excelente cenário para mapeamento de conflitos discursivos em torno da construção das identidades. Sua estrutura dinâmica e descentralizadora permite a emissão plural de múltiplas vozes, o que implica em um convívio dificilmente agradável entre posições e visões de mundo democráticas e preconceituosas, o que, claramente, aponta para a possibilidade de disputas semânticas importantes.” (ENNE, 2012:2).

Buscando ainda compreender o papel do discurso nos embates para legitimar ou deslegitimar posições, refletimos ainda sobre uma das mais interessantes e híbridas artimanhas discursivas, que é a prática de “rogar praga”, em que se pede ao divino o direito de, por justiça, desejar o malefício para alguém que, a nosso ver, nos fez mal anteriormente (ENNE, 2017). Discurso blasfemo e sagrado ao mesmo tempo, o ato de “rogar praga”, como procuramos mostrar, é muito presente no mundo da cultura popular, exercendo importante papel como astúcia discursiva, arma dos fracos, no sentido proposto por Michel de Certeau (1998), forma de revide dos que, em situações de subalternidade econômica, política, afetiva, cultural, não estão no lugar de comando das ações, se percebendo como vitimados por alguma injustiça frente a qual não possuem condições efetivas de rebater. A praga funciona, então, como vingança simbólica e pragmática, uma tática de resistência ancorada no poder mágico de nomear e constituir o mundo, que, para funcionar, requer partilha, entre aquele que pragueja e aquele ao qual a praga se destina, na crença no poder das palavras, em seu caráter performativo, de definir, delimitar e criar mundo (BOURDIEU, 1989).

Essas reflexões que aqui apresentamos brevemente, portanto, foram constituindo um escopo de objetos e questões acerca do discurso como arena de disputas pelo direito de significar. O artigo que aqui apresentamos, sobre o “fiofógate”, faz parte deste processo, e nele voltamos a duas das questões fundamentais que têm nos chamado a atenção quando pensamos neste complexo jogo de disputas em torno da linguagem.

A questão primeira diz respeito ao entendimento da linguagem como uma forma de resistência, em que as malandragens discursivas, como enumeramos, assim como a praga, os desvios, os duplos sentidos, as inversões, os trocadilhos, os hibridismos, dentre outras estratégias do dizer, permitem desafiar o instituído, corroer as instâncias duras da estrutura, desvelar a ideologia e chamar atenção para as disparidades sociais, as injustiças, os autoritarismos, os desmandos, contradições e infrações do poder e dos poderosos. Na parte seguinte de nosso artigo, vamos realizar uma análise mais detalhada

do caso escolhido, buscando referenciar nossas suposições a partir de dados concretos dos múltiplos discursos proferidos em relação ao “fiofógate”, começando, inclusive, pela criação desse termo. Entendemos que as palavras e expressões criadas e utilizadas pelos sujeitos ao se referirem ao caso têm importância crucial quando pensamos no contexto macro em que ele se insere, em que o Governo Federal em 2020, principalmente através da figura de seu representante máximo, o presidente Jair Bolsonaro, e também de sua família, ministros e demais assessores, adotou, dentre suas práticas discursivas, a defesa do combate à corrupção e dos valores da moral familiar e cristã como nortes fundamentais.<sup>10</sup> Como procuraremos demonstrar, através da ironia, do deboche, dos deslizamentos discursivos, as artimanhas linguísticas que mapeamos indicam uma crítica não só ao senador Francisco Rodrigues e ao episódio em si, mas ao atual contexto político e ao papel icônico do vice-líder de um governo que adotou como plataforma política o discurso anticorrupção e moralista como eixos de representação pública.

Uma segunda questão que retorna com nossa pesquisa atual é o papel das redes sociais como lócus para estas disputas discursivas e, portanto, pela busca por reconfigurar a realidade social através das atribuições de sentido. Por sua capilaridade e alcance, as redes sociais digitais são, hoje, um espaço central discursiva e politicamente, de forma ainda mais acentuada do que já percebíamos quando estudamos o Orkut, através de formatos múltiplos, como o Facebook, o Twitter, o Instagram, dentre outras, e de aplicativos de circulação de mensagens, como o Whatsapp. Sobre este ponto, falaremos um pouco mais na parte final de nosso artigo. Antes, porém, é preciso apresentar as artimanhas linguísticas do caso “Fiofógate”.

### **3 – O caso “fiofógate” e as malandragens linguísticas**

Muitos são os estudos que investigam o poder criativo e inventivo da linguagem popular, bem como o papel do humor na crítica política. A capacidade dos sujeitos, no universo ampliado da cultura popular, de inventar novos sentidos, criar neologismos,

---

<sup>10</sup> “Bolsonaro é impulsionado por onda anticorrupção”. Jornal *O Estadão*, 3/09/2018. <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,bolsonaro-e-impulsionado-por-onda-anticorrupcao,70002485136>; “O discurso político de Bolsonaro: Cidadãos de bem, segurança e moral”. *Le Monde Diplomatique Brasil*, 10/08/2018. <https://diplomatique.org.br/o-discurso-politico-de-bolsonaro-cidadaos-de-bem-seguranca-e-moral/>.

hibridizar e inverter termos, brincar com as figuras de linguagem, dar polissemia aos significantes, utilizando-se da flexibilidade e da vitalidade da fala, renova constantemente a língua e faz do discurso um importante recurso nas políticas identitárias, nas resistências contra-hegemônicas e também na formação do consenso, nas artes milenares das sagacidades e artimanhas dos modos de apropriação e deslocamento dos signos impostos, dos sentidos fechados e naturalizados, como também nos esforços para fixá-los e conter sua arbitrariedade.

Em *O bem-amado*, peça teatral de Dias Gomes publicada em 1962 (GOMES, 2014), o ardiloso político Odorico Paraguaçu é aquele que costura, urde a trama, faz as tramoias, compõe e decompõe com aliados, correligionários, inimigos, sendo um mestre nas artes do fazer com e das sagacidades. Conspirador, mutreteiro, arteiro e vezeiro na arte de negociar e engambelar, o personagem de Odorico é mestre em criar neologismos, palavras e expressões que personificam essa malandragem *bricoleur*. “Defuntice compulsória”, “mormentemente”, “namorismo”, “sem-vergonhismo”, “botar de lado esses considerandos”, “patifento”, “mau-caratista”, “gravado nos anais e menstruais da História”, “semvergonhista”, “prastrasmente” “prafrentemente” e “em política, os finalmentes justificam os não-obstantes”. Todas essas expressões, presentes nas falas de Odorico Paraguaçu, depois ampliadas e imortalizadas na interpretação de Paulo Gracindo na novela homônima,<sup>11</sup> fazem uma síntese-homenagem à capacidade imensa do sujeito comum brasileiro de reinventar as formas do falar, de afrontar a norma culta, o sentido dado e oficializado.

O caso que estamos estudando nesse artigo é também exemplar a esse respeito e isso já transparece em seu nome de batismo, herdeiro digno da tradição sucupiriana. Foi do poeta e escritor Xico Sá, em uma postagem na rede social Twitter, o apelido consagrador, depois replicado pelo jornalista Octávio Guedes em seu perfil no Twitter e também em suas aparições em programas jornalísticos televisivos: “Fiofógate”.<sup>12</sup> O termo “gate” advindo da expressão “Watergate”, famoso escândalo político que, em 1973, pavimentou o caminho para o impeachment do presidente Richard Nixon nos

---

<sup>11</sup> Telenovela “O Bem-amado”, exibida pela Rede Globo em 1973. <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/o-bem-amado/>.

<sup>12</sup> [https://twitter.com/octavio\\_guedes/status/1317099353115381762](https://twitter.com/octavio_guedes/status/1317099353115381762), postado em 16/10/2020.

EUA.<sup>13</sup> Já a expressão “fiofó” é um dos termos populares, utilizados no Brasil, para se referir ao ânus. Segundo Rachel Barros, se baseando em Nei Lopes e Arthur Ramos, dentre outros pesquisadores, “fiofó” seria uma palavra de origem africana.

Destituídas das formalidades prescritas pela língua escrita, as palavras de origem africana que identificamos no nosso vocabulário ocupam outros universos ordinários, aqueles que se referem à comunicação mais direta e aos níveis menos especializados do exercício lingüístico. Assim, nomeiam as expressões mais informais para a denominação de excrementos (catanga, catota, xixi, meleca), depreciativos e alcunhas difamatórias (babaca, brucutu, coroca, mondongo, sacana, fuleiro, ranzinza, tribufu, cotó), a genitália e a sexualidade nas suas formas mais “chulas” (bimba, bunda, cabaço, cacete, xereca, xibiu, xota, xoxota, fiofó, siririca), estando presentes também naquilo que o senso comum entende como gíria (titica, babá, bambambã, beleléu, biboca, galalau, lelé, lengalenga, fuzuê) e mesmo na denominação de algumas doenças (caxumba). (BARROS, 2008:4)

Em uma postagem de Renato Perri sobre o tema, ele investigou a origem da palavra recorrendo ao *Dicionário Houaiss* on-line, que sugere que, de “fiofó” (segundo o Dicionário, substantivo masculino, regionalismo brasileiro, informal, significando “ânus”), se busque “feofó, cuja etimologia traz a seguinte explicação: “segundo Nei Lopes, prov. Banto fioto”. Buscando-se a palavra “fioto”, que, segundo o dicionário, é também regionalismo brasileiro para “ânus”, há a seguinte explicação para a etimologia do termo: “talvez do quimb. Fiotoko ‘muito sujo’”.<sup>14</sup>

Ou seja, o termo fiofó, antes de ser hibridizado por Xico Sá de maneira jocosa e sagaz no batismo do nome a ser dado ao escândalo político brasileiro, já é ele mesmo resultante de um hibridismo, da encruzilhada linguística da diáspora africana via Atlântico. A partir da criação do termo “fiofógate”, o autor, em primeiro lugar, deu encaminhamento ao fluxo da palavra, ao seu caráter movente e disponível para a apropriação. Mas, ao combinar as duas palavras, “fiofó” e “gate”, faz lembrar que: 1) se trata de um escândalo político, capaz de abrir caminho para uma investigação que poderia resultar em um processo de impeachment se fosse possível seguir os passos do dinheiro, sua origem e destino. O termo, então, opera como denúncia, principalmente quando se pensa que o signo “anticorrupção” é uma marca simbólica do discurso que

<sup>13</sup> CABRAL, Danilo. “O que foi o escândalo Watergate?”. *Super Interessante*. Publicado em 6/1/2011, atualizado em 14/02/2020. <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-o-escandalo-watergate/>.

<sup>14</sup> “O que significa Fiofó?”. <https://pt.quora.com/O-que-significa-Fiof%C3%B3#:~:text=Provavelmente%20uma%20g%C3%ADria%20derivada%20de%20Bodega.&text=Em%20alem%C3%A3o%20%C3%A9%20usado%20como,Em%20espanhol%20significa%20taberna.>

elegeu o programa de governo do atual presidente; 2) ao mesmo tempo, ao recorrer a um termo informal, do universo das camadas populares, remete ao deboche que promove a dessacralização dos lugares, sujeitos e termos oficializados e empoderados. O uso do termo “fiofó” carrega o caso para o mundo da blasfêmia, da linguagem sacana que ridiculariza, traz para baixo, para o âmbito “sujo” e mundano, o alto que se considera distinto, a política no sentido institucionalizado do termo.

Assim como a praga, o uso de termos de ridicularização, da paródia, do palavrão, da blasfêmia, opera naquilo que Bakhtin (1987) percebeu como uma ambivalência, uma possibilidade de, através de uma estética grotesca e carnalizante, desviar o sentido oficial, construir resistência e contranarrativa, abrir uma fissura, uma brecha, uma fenda dentro do significado social opressor, homogeneizante, subjugador, que instaura a ordem e mantém as amarras da estrutura social.

Se uma parte da população brasileira valida e apoia as ações do Presidente Jair Bolsonaro e seus assessores governamentais, uma outra fatia da sociedade deplora suas falas e práticas e clama por impeachment.<sup>15</sup> A insatisfação se ampliou após a pandemia de Covid-19, com as acusações contra o governo resultando na abertura de uma CPI para apurar a responsabilidade do governo federal nesse tema,<sup>16</sup> e com sucessivas notícias e denúncias de corrupção envolvendo a família do presidente e alguns de seus colaboradores.<sup>17</sup> Vale ressaltar também que, em seus anos de mandato como vereador, candidato e, posteriormente, como presidente, Jair Bolsonaro emitiu uma série de discursos problemáticos, acusados de serem homofóbicos, racistas e sexistas.<sup>18</sup> Em

---

<sup>15</sup> Dados sobre pesquisa de avaliação do Governo Bolsonaro em outubro de 2020: “Governo Bolsonaro é aprovado por 52% e desaprovado por 41%, mostra PoderData”. *Poder 360*, 14/10/2020. <https://www.poder360.com.br/poderdata/governo-bolsonaro-e-aprovado-por-52-e-desaprovado-por-41-mostra-poderdata/>; “Rodrigo Maia já recebeu 56 pedidos de impeachment contra Bolsonaro”, *Correio Braziliense*, Blog do Vicente, 18/11/2020, <https://blogs.correiobraziliense.com.br/vicente/rodrigo-maia-ja-recebeu-56-pedidos-de-impeachment-contrabolsonaro/>.

<sup>16</sup> “Entenda como funciona uma CPI e os poderes da comissão que investigará ações na pandemia da Covid”. *Folha de São Paulo*, 9/04/2021. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/04/entenda-como-funciona-uma-cpi-e-os-poderes-da-comissao-que-investigara-aco-es-na-pandemia-da-covid.shtml>.

<sup>17</sup> “Os quatro filhos de Bolsonaro estão sob investigação da Justiça e da PF”. *Correio Braziliense*, Blog do Vicente, 16/03/2021. <https://blogs.correiobraziliense.com.br/vicente/os-quatro-filhos-de-bolsonaro-estao-sob-investigacao-da-justica-e-da-pf/>; “As 6 frentes de investigação que envolvem a família Bolsonaro”. *BBC News Brasil*, 24/12/2019. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50810066>; “Relembre investigações que envolvem o governo Bolsonaro, familiares do presidente e aliados”. *O Estadão*, 8/10/2020, <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,investigacoes-governo-bolsonaro,70003468532>;

<sup>18</sup> “Veja falas preconceituosas de Bolsonaro e o que a lei diz sobre injúria e racismo”. *Folha de São Paulo*, 26/01/2020, <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/veja-falas-preconceituosas-de->

algumas dessas falas, podemos encontrar piadas e comentários irônicos e/ou preconceituosos envolvendo a região anal e práticas sexuais que, supostamente, na concepção do emissor do discurso, seriam típicas de um comportamento homossexual, em uma visão estereotipada e estigmatizante.<sup>19</sup>

Assim, a classificação do escândalo político, com a denúncia de crime de uso indevido do dinheiro público por um integrante da base governista, que teria escondido a prova do crime em suas partes íntimas, motivou, por parte do público crítico ao governo, uma oportunidade linguística de revide, ridicularização, resistência via deboche, tática de construir uma narrativa contra-hegemônica que quebrasse o monopólio do discurso bolsonarista tanto no que se refere à luta contra a corrupção, quanto no direito a fazer piada envolvendo partes íntimas, ânus e práticas sexuais que seriam condenáveis a partir de um determinado recorte moral e preconceituoso.<sup>20</sup>

“Fiofógate” foi, portanto, só um dos usos híbridos e bem-humorados do vocabulário popular para construir, debochadamente, uma crítica aos acontecimentos e ao governo. O site *Catraca Livre*, em 15 de outubro de 2020, apresentou um texto, “Dinheiro na cueca de senador rende trocadilhos e memes na web”,<sup>21</sup> que indicava a percepção do mesmo fenômeno que aqui analisamos. A seguir, citaremos alguns dos exemplos de postagens nas redes sociais, em especial no Twitter, que o site enumerou.

Segundo a reportagem, a hashtag #PropinaNaBunda figurou entre os assuntos mais comentados do Twitter, com mais de 15 mil tuítes. A usuária LD, por exemplo, publicou um post em que afirmava: “Eu não aceito fazer parte da República dos bundões”. Outras postagens colocaram a imagem do senador Chico Rodrigues com a

---

[bolsonaro-e-o-que-diz-a-lei-sobre-injuria-e-racismo.shtml](#); “Treze frases de Bolsonaro de natureza sexual e machista”. *Congresso em Foco*, 13/08/2019, <https://congressoemfoco.uol.com.br/governo/treze-frases-de-bolsonaro-de-natureza-sexual-e-machista/>.

<sup>19</sup> “Covid-19: Bolsonaro faz piada com conotação sexual sobre ozônio no reto”. *IG Último Segundo*, 6/8/2020, <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2020-08-06/covid-19-bolsonaro-faz-piada-com-conotacao-sexual-sobre-ozonio-no-reto.html>; “Jair Bolsonaro ataca orientação sexual de jornalista estrangeiro”. *Catraca Livre*, 04/09/2017, <https://catracalivre.com.br/cidadania/jair-bolsonaro-ataca-orientacao-sexual-de-jornalista-estrangeiro/>; “Com palavrão, Bolsonaro se defende de acusação e crítica “Kit gay””. *Revista Exame*, 28/08/2018, <https://exame.com/brasil/com-palavrao-bolsonaro-se-defende-de-acusacao-e-critica-kit-gay/>.

<sup>20</sup> “Fixação: postagens dos Bolsonaro mostram o quanto o ânus é assunto recorrente”. *Blog da Cidadania*, 8/03/2019. <https://blogdacidadania.com.br/2019/03/fixacao-postagens-dos-bolsonaro-mostram-o-quanto-o-anus-e-assunto-recorrente/>.

<sup>21</sup> “Dinheiro na cueca de senador rende trocadilhos e memes na web”. *Catraca Livre*, 15/10/2020. <https://catracalivre.com.br/cidadania/dinheiro-na-cueca-de-senador-rende-trocadilhos-e-memes-na-web/>.

legenda “Dinheiro eu aplico no fundo”. A imagem de uma bunda ou de nádegas vai ilustrar várias postagens, várias diretamente associadas ao presidente Bolsonaro. O usuário Avelino Marques publicou: “Confirmado: líder do governo optou por investir na poupança”. Já o perfil Trabalhista Debochado fez jus ao nome e debochou: “Esse aí cansou da rachadinha e colocou logo foi no rachadão”, remetendo, com o termo “rachadinha”, à prática criminosa de desviar dinheiro público que vem sendo investigada em relação a alguns políticos brasileiros, incluindo o filho do presidente, o atual senador Flávio Bolsonaro.<sup>22</sup> Na postagem de André Guedes, a forma da escrita produz o efeito ridicularizador: “NO MEU GOVERNO NÃO TEM CORRUPÇÃO, É CU RRUPÇÃO”. O usuário Barbosa escreveu: “a expressão tirar o dinheiro do cu nunca fez tanto sentido né? 30 MIL NA BUNDA”. Remetendo a uma frase proferida pelo presidente Jair Bolsonaro em uma controversa reunião ministerial,<sup>23</sup> a usuária Vika808 afirma: ““O que os caras querem é a nossa hemorroida”. Agora compreendemos perfeitamente o significado da frase emblemática de @jairbolsonaro”. Também houve piada com a então recém criada nota de 200 reais: “#PropinaNaBunda. Agora eu sei o porquê das notas de 200. Cabe mais kakakakakka” (usuário Philipe Silva). Comentários com as expressões “não tenho nádegas a declarar” e “entrar pros anais da história” também foram citados.

Também o site *UOL* percebeu o fenômeno de multiplicação de memes debochados sobre o caso e o retratou, no dia 15 de outubro de 2020, no texto “Senador pego com dinheiro na cueca vira meme nas redes”.<sup>24</sup>

A notícia de que o senador Chico Rodrigues (DEM-RR), então vice-líder do governo Bolsonaro no Senado, foi pego pela Polícia Federal com dinheiro na cueca e nas nádegas foi um prato cheio para os brasileiros nas redes sociais. O que inflamou ainda mais a timeline foi a declaração dita há uma semana pelo presidente, quando ele afirmou que acabou com a Lava Jato por não existir corrupção em seu governo. Desde a noite de ontem, os termos

<sup>22</sup> “Leia toda a denúncia do Ministério Público contra Flávio Bolsonaro e mais 16 por ‘rachadinhas’ na Assembleia do Rio”. *O Estadão*, 23/11/2020. <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/leia-toda-a-denuncia-do-ministerio-publico-contr-flavio-bolsonaro-e-mais-16-por-rachadinhas-na-assembleia-do-rio/>.

<sup>23</sup> “Em reunião com ministros, Bolsonaro xinga, xinga, xinga e fala de hemorroidas”. *Jornalistas Livres*, 22/5/2020, <https://jornalistaslivres.org/em-reuniao-com-ministros-bolsonaro-xinga-xinga-e-fala-de-hemorroidas/>.

<sup>24</sup> “Senador pego com dinheiro na cueca vira meme nas redes”. *UOL*, Política, 15/10/2020. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/10/15/dinheiro-encontrado-nas-nadegas-de-senador-vira-meme-nas-redes.htm>.

"#DinheiroNaBunda" e "#PropinaNaBunda" têm sido dois dos principais assuntos no Twitter. Em meio a ironias e deboches contidos nos comentários, foram os memes, alguns deles com trocadilhos, que dominaram as redes. (UOL, 15/10/2020)<sup>25</sup>

A matéria cita as seguintes postagens debochadas, dentre outras: o usuário Victor Carvalho usa as hashtags #PropinaNaBunda #PropinaNoCu #dinheironabunda para questionar “E agora, Bolsonaro?”, ilustrando a postagem com uma imagem com o dizer “Selecione a forma de pagamento” com as opções Visa, Mastercard e o desenho de uma bunda; a nota de 200 reais é mais uma vez mencionada na postagem de Naiara: “Por que a nota de 200 reais é menor que as outras? Agora a gente já sabe! #dinheironabunda #CUrrupção”; O usuário Carlos Santos usou a imagem de duas laranjas como se fossem duas nádegas (remetendo à questão da figura do “laranja” nos casos de denúncia de corrupção, alguns envolvendo diretamente membros da famílias Bolsonaro<sup>26</sup>), com notas de 200 reais colocadas entre elas, acompanhada do seguinte dizer: “#PropinaNaBunda É o autêntico “Doutor Bumbum”, especialista em corrupção na cueca”<sup>27</sup>; a usuária Cristiane Martins também apela a uma expressão de uso comum para debochar do caso: “Não de pode mais dizer “quer que eu tire dinheiro da onde? Do C\*? Mais um paradigma foi quebrado!”; Já Antonio Lamas faz a pergunta que não quer calar: “Esse dinheiro vai ser desinfetado ou continua em circulação @Jair Bolsonaro?”; a usuária Sandra Machado estendeu a provocação à operação Lava Jato: “Lava Toba! Um bom nome para a próxima Força-tarefa! #PropinaNaBunda”.

Como podemos observar, o uso das piadas de duplo sentido, como as que fazem menção aos termos fundos, poupança, anais, dentre outras, bem como de expressões chulas, palavrões, termos informais para nádegas (como Cú e Toba), são taticamente usadas para ridicularizar o governo e seu discurso anticorrupção atravessado por escândalos políticos, como o caso do vice-líder que aqui analisamos. São formas de resistência e crítica política no plano discursivo, principalmente em um contexto em que muitos que estariam nas ruas, protestando contra o governo democraticamente, se

<sup>25</sup> *Idem*. Sobre a declaração de Jair Bolsonaro sobre ter acabado com a Lava Jato por não haver corrupção no seu governo, ver <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/10/07/acabei-com-lava-jato-porque-nao-tem-corrupcao-no-governo-diz-bolsonaro.htm>, UOL, publicado em 7/10/2020.

<sup>26</sup> “Entre laranjas, fantasmas e rachadinhas”. *Publica*, Agência de Jornalismo Investigativo, 6/06/2019, [https://apublica.org/mindmap/pessoa\\_map/entre-laranjas-fantasmas-e-rachadinhas/](https://apublica.org/mindmap/pessoa_map/entre-laranjas-fantasmas-e-rachadinhas/).

<sup>27</sup> “Quem é o ‘Doutor Bumbum’, médico celebridade nas redes sociais que foi preso após morte de paciente”. BBC News Brasil, 18/07/2018, <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44870548>.

encontram quarentemados em suas residências em função da pandemia de COVID-19. Os protestos virtuais, fazendo uso da plataforma, dinâmica e alcance das redes sociais, são, neste sentido, uma forma alternativa de resistência política, em que as artimanhas discursivas são um importante tipo de capital de deslegitimação e enfrentamento.

#### **4 – Conclusões: as redes sociais como arenas de disputa pelo direito de significar**

As redes sociais, nas suas diversas interfaces, são hoje uma realidade comunicacional de imenso alcance e influência. Entendê-las como locais importantes na luta pelo direito de significar é hoje tarefa que deve mobilizar o pesquisador na área de estudos culturais e midiáticos.

Se compreendemos, como Stuart Hall (1997), que, na contemporaneidade, tudo é atravessado pela dimensão cultural, pela produção discursiva e simbólica da realidade social, o papel das velhas e novas tecnologias de comunicação e informação se torna cada vez mais essencial neste processo, pois são esferas de circulação de ideologias, representações, imaginários, desejos, ferramentas de construção e desconstrução de identidades, subjetividades, visões de mundo e perspectivas.

A luta política não se resume à dimensão discursiva, mas é centralmente por ela atravessada. Entender como os atores sociais são capazes de agenciar as práticas sociais, através de táticas e estratégias, ocupação de lugares de fala, capacidade de mobilizar escuta e compartilhamento, é parte da tarefa a que nos propusemos em nossa pesquisa.

Raquel Recuero tem se dedicado a definir como as redes sociais devem ser compreendidas, no mundo atual, como eixos decisivos nas batalhas discursivas. Em sua concepção, “redes sociais na Internet são constituídas de representações dos atores sociais e de suas conexões (...) Assim, redes sociais na Internet podem ser muito maiores e mais amplas que as redes offline, com um potencial de informação que está presente nessas conexões” (RECUERO, 2009:2-3)

Esta intensificação do potencial de comunicar, a capacidade capilar e rizomática desses locais de discussão e disseminação de opiniões, pontos de vista, enquadramentos, fazem das redes sociais arenas fundamentais na disputa pelo direito a significar. O caso que aqui apresentamos nos mostra como a junção da capacidade criativa e resistente da

linguagem popular - com seus deslocamentos de sentido, suas inversões, deslizamentos do significante e do significado, de enfrentar o instituído e dessacralizá-lo, através das mais variadas malandragens, astúcias e artimanhas - com a amplitude e modalidades de agenciamento proporcionados pelas estruturas das redes sociais é capaz de gerar um espaço inédito e ainda a se explorar de disputas semânticas. Nosso esforço, neste artigo e em nossa pesquisa, tem sido o de contribuir com estas reflexões.

### **Bibliografia:**

- BAKHTIN, M. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec e Brasília: Universidade de Brasília, 1987.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BARROS, Rachel. "O lugar social das palavras africanas no português do Brasil". [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/2010/Lingua\\_Portuguesa/artigo/rachel.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Lingua_Portuguesa/artigo/rachel.pdf). Consulta em abril de 2021.
- BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand/Difel, 1989.
- CERTEAU, M. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CERTEAU, M. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1995.
- ENNE, Ana Lucia. "'E daí?', 'pronto, falei!'", "confesso": artimanhas discursivas de qualificação e desqualificação do gosto e da distinção". *COMUNICON*. São Paulo, ESPM, 2011 (publicado posteriormente em *PragMATIZES Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura*, v. 6, 2014).
- ENNE, Ana Lucia. "O uso dos termos "favelização", "orkutização" e outros similares nas disputas por consumo e identidades na cultura da Internet". Artigo apresentado no *COMUNICON 2012*. São Paulo, ESPM, 2012.
- ENNE, Ana Lucia. "'Você vai ver": das práticas de "rogar praga" e as astúcias discursivas como formas de luta na arena da cultura popular". Artigo apresentado no *XIII ENECULT*. Salvador, UFBA, 2017.
- ENNE, Ana Lucia e LACERDA, Andressa. "Gírias, hibridizações, negociações, negações: o discurso como objeto e lugar de disputas na arena da cultura". Artigo apresentado no *VII ENECULT*. Salvador, UFBA, 2017.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GOMES, Dias. *O bem-amado*. São Paulo: Bertrand, 2014.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. "A centralidade da cultura". *Educação & Realidade*, v. 22, n.2, 1997.
- RECUERO, R. "Redes sociais na Internet, difusão de informação e jornalismo: elementos para discussão". In: SOSTER, D. e FIRMINO, F. (orgs.). *Metamorfoses Jornalísticas 2: a reconfiguração da forma*. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009.